

# As relações entre Venezuela e Cuba no governo Chávez (1999-2012): a aliança estratégica e o intercâmbio petróleo por serviços

*Anatólio Medeiros Arce<sup>1</sup>*

*Marcos Antonio da Silva<sup>2</sup>*

## **Resumo**

Este artigo trata da relação bilateral Venezuela-Cuba durante o governo do presidente Hugo Chávez (1999-2012). Neste sentido, apresenta que a política oscilatória presente nos anos 60 a 80 foi substituída por uma aliança estratégica durante o período mencionado. Tal aliança demonstra uma convergência de interesses, em diversas dimensões, e tem como um de seus fundamentos o intercâmbio petróleo-serviços. Desta forma, os recursos humanos disponibilizados por Cuba foram fundamentais para o desenvolvimento das políticas de Chávez, destacadamente das políticas públicas e suas missões, enquanto que o petróleo venezuelano, e recursos a ele relacionados, foram fundamentais para a recuperação econômica de Cuba e, mais recentemente, o desenvolvimento de reformas por Raúl Castro.

**Palavras-chave:** Diplomacia Petroleira; Intercâmbio; ALBA.

## **Abstract**

This article deals with the Venezuela-Cuba bilateral relationship during the government of President Hugo Chávez (1999-2012). In this regard, the policy features oscillation present in 60 to 80 years has been replaced by a strategic alliance during that period. This alliance demonstrates a convergence of interests in various dimensions, and has as one of its foundations exchange oil-services. Thus, human resources provided by Cuba were fundamental to the development of policies of Chávez, notably public policies and their missions, while the Venezuelan oil, and resources related to it, were key to the economic recovery of Cuba and more recently, the development of reforms by Raul Castro.

**Keywords:** Oil Diplomacy; Interchange; ALBA.

---

<sup>1</sup> Professor de Ciência Política do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e membro do Laboratório Interdisciplinar de Estudos sobre América Latina (LIAL).

<sup>2</sup> Professor de Ciência Política do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), doutor em Integração da América Latina (PROLAM/USP) e membro do Laboratório Interdisciplinar de estudos sobre América Latina (LIAL/UFGD).

## Introdução

Nas últimas duas décadas a relação bilateral entre Venezuela e Cuba adquiriu maior intensidade e relevância, marcadas pela convergência ideológica e política entre suas principais lideranças (Hugo Chávez e Fidel e Raúl Castro), provocando inúmeras análises que procuram captar a natureza, a dinâmica e as tendências de tal relação<sup>3</sup>. Neste sentido, foram retomados elementos que demonstram que os impactos da Revolução Cubana (1959), embora sem a importância que possuía nas décadas de 60 a 80, continua presente na política interna de certos estados e, principalmente, na dinâmica das relações interamericanas, derivada de sua relação conflitiva com a superpotência restante. No caso venezuelano, pode-se destacar que tal relação foi caracterizada por uma política oscilatória entre distanciamento e aproximação, a exemplo das décadas de 60 e 80, suplantadas pelo momento atual de aproximação intensa e aliança estratégica, durante o governo Chávez (1999-2012).

Além disto, deve-se apontar que, entre 1960 e 1980 (durante a Guerra Fria), tanto Cuba como a Venezuela tiveram uma dinâmica política marcada por especificidades em relação aos demais países da América Latina. No caso cubano, o país era o único com governo comunista na região e respaldado pela União Soviética. Já a Venezuela, se comportava como a guardiã da democracia no subcontinente em meio a governos ditatoriais, considerados pelos venezuelanos como não-democráticos e, portanto, “não confiáveis” (CERVO, 2007, p.176-181). Na década de 1990, as especificidades foram superadas pela latino-americanização de suas sociedades, já que ambos passaram, como boa parte dos países da região, por momentos de grave crise econômica, embora por motivos distintos. No caso cubano, tal crise foi resultado do desaparecimento do bloco socialista, de quem recebia recursos, petróleo, alimento, dentre outros auxílios e realizava a maior parte de suas transações externas. No caso venezuelano, ocorre o colapso de sua economia rentista, em um momento de queda nos preços do barril de petróleo no mercado internacional e aumento em sua dívida externa (VILLA, 2005, p.153-158).

Apesar da política oscilante (ROMERO, 2011) que caracterizou as relações entre Venezuela e Cuba durante todo o período entre 1959 e 1999, uma nova fase na relação bilateral tem início com a chegada de Hugo Chávez ao poder. Durante os treze anos de seu governo (1999-2012), os venezuelanos se aproximaram no sentido político-

---

<sup>3</sup> Este trabalho é uma versão modificada do texto: “As relações entre Venezuela e Cuba durante o governo Chávez: realismo petrolífero ou revolução socialista”, apresentado no encontro da Associação Brasileira de Relações Internacionais (ABRI) em 2013.

diplomático do regime cubano e firmaram uma parceria fundamentada em dois pontos. Primeiro, pela afinidade ideológica entre Fidel Castro e Hugo Chávez que se manteve quando o primeiro deixou a presidência em 2006 e foi substituído por seu irmão, Raul Castro. Segundo, por uma convergência, baseada no intercâmbio do petróleo por serviço, que possibilitou a recuperação, ainda que parcial, da economia cubana e o desenvolvimento das políticas sociais pelo governo chavista.

Desta forma, a Venezuela contribuiu significativamente para a manutenção do regime socialista em Cuba, frente ao processo de isolamento político-econômico promovido pelos Estados Unidos, contribuindo, em grande medida, com o processo de recuperação econômica da ilha caribenha; e, mais recentemente, para o desenvolvimento das reformas implementadas por Raúl Castro.

Por outro lado, Cuba contribuiu para a melhoria dos indicadores sociais venezuelanos, através do envio de médicos, dentistas, professores de educação física e de alfabetização e gestores culturais e esportivos para trabalhar nas periferias das cidades da Venezuela e nas áreas distantes dos grandes centros urbanos, em projetos conhecidos como Missões Sociais. Ainda, tais convergências (ideológica, política e econômica) fundamentaram a formação da Aliança Bolivariana aos povos de nossa América (ALBA), como alternativa tanto a proposta da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), proposta pelos norte-americanos, como ao ainda persistente embargo imposto, por esta nação a Cuba.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é compreender a dinâmica desta relação na era Chávez, procurando demonstrar que a convergência entre os dois governos propiciou o aprofundamento da relação bilateral fundamentada no intercâmbio petróleo-serviços, sem desconsiderar a importância exercida pela afinidade ideológica e sinergia entre Chávez e Fidel (depois com Raul).

Para tanto, o trabalho está organizado da seguinte forma. Na primeira parte, discute os antecedentes da relação bilateral Venezuela-Cuba, principalmente as divergências entre Fidel Castro e o então presidente da Venezuela, Rómulo Betancourt, que levaram ao rompimento das relações em 1961. Na segunda parte analisa a relação bilateral durante o governo Chávez (1999-2012), enfatizando a construção de uma relação baseada no envio de petróleo a Ilha em troca de ajuda profissional as missões sociais, principal responsável em manter o respaldo popular ao governo Chávez na Venezuela. Tudo isso foi incrementado com a formação da ALBA, bloco que nos últimos anos vem se consolidado como o processo de integração mais crítico ao isolamento e ao

recrudescimento do embargo a Cuba, bem como da hegemonia dos EUA no cenário internacional. Por fim, apresentam-se as considerações finais.

### **Antecedentes da relação Venezuela-Cuba: democracia, petróleo e Revolução**

Os revolucionários de *Sierra Maestra* chegaram ao poder em Cuba pouco antes de Rómulo Betancourt tomar posse como presidente da Venezuela em fevereiro de 1959. Em 23 de janeiro do mesmo ano, o líder cubano Fidel Castro viajou à Caracas com o propósito de se reunir com o presidente eleito Rómulo Betancourt. Na ocasião, Castro o sondou sobre a possibilidade de fornecer a Ilha um empréstimo de aproximadamente US\$ 300 milhões em petróleo, para livrar seu país da dependência do fornecimento norte-americano. Todavia, Betancourt negou petróleo a Havana, respondendo categoricamente que tal produto pertencia ao povo venezuelano e não poderia ser fornecido ‘gratuitamente’, mas sim vendido a preços de mercado (MONIZ BANDEIRA, 1998, p.188).

A Revolução Cubana, enquanto processo político-revolucionário, era vista como um desafio por Betancourt, pois a experiência dos cubanos estava servindo de inspiração e modelo a membros de seu partido, Ação Democrática (AD), sendo popular entre eles. Porém, o presidente não reputava o modelo cubano como adequado à Venezuela e tampouco aos princípios considerados democraticamente condizentes. A consequência de tal “incompatibilidade” foi a expulsão dos membros simpáticos a Revolução Cubana da legenda, fazendo com que eles optassem – junto com o Partido Comunista da Venezuela (PCV) – pela estratégia da luta armada durante a década de 1960 (DONGHI, 2011, p.33-335). Além disto, como afirma Romero: “*A su vez, Betancourt tenía que generar confianza ante sectores políticos de centro y conservadores venezolanos, empresariales e intelectuales que se oponían a la posibilidad de una revolución en Venezuela y asegurarles que la alternativa a la insurrección de izquierda era la democracia representativa y no una respuesta de fuerza*” (ROMERO, 2011, p. 161).

Tais acontecimentos provocaram problemas a Betancourt que passou a alimentar ainda mais ressalvas em relação ao regime comandado por Fidel Castro. Desta forma, passou a adotar postura crítica em relação aos governos considerados por ele como não-democráticos, ou que haviam sido instituídos através de golpes de Estado, enfatizando a incompatibilidade entre a democracia venezuelana e os regimes ditatoriais latino-americanos, fossem eles de direita ou esquerda, diretrizes que se tornaram conhecidas como Doutrina Betancourt. Desta forma, a diplomacia do país se distanciou de Cuba e intensificou as críticas ao processo revolucionário desse país, o que custou ao presidente

da Venezuela o rechaço de estudantes, intelectuais, políticos e militares que não aceitavam o distanciamento de Havana (ROMERO, 2011, p.163-164) e tampouco concordavam com o fato da democracia norte-americana ter se tornado um modelo político ao sistema partidário da Venezuela.

Betancourt classificava o governo cubano entre os não-democráticos e, portanto, a Venezuela não deveria manter relações político-diplomáticas e tampouco lhe fornecer petróleo (VALENTE, 2007, p.124). Talvez isso explique não somente a hostilidade com que recebeu Castro na ocasião acima descrita, como também sua atuação na campanha de expulsão de Cuba da Organização dos Estados Americanos (OEA) em 1962. Associado a isto, deve-se agregar que as relações com os Estados Unidos, na década de 1960, eram prioritárias ao governo venezuelano, fundamentada na venda de petróleo e importação de produtos manufaturados, o que favorecia a influência norte-americana na Venezuela. Finalmente, algumas ações do governo cubano, entre elas o julgamento e fuzilamento de certos membros do governo Batista envolvidos com torturas e mortes, a fuga de cubanos para se exilar na Venezuela sendo bem recebidos pelo governo local e a piora nas relações entre Havana e Washington (ROMERO, 2011, p.163) tornaram a situação insustentável. As relações entre os países foram rompidas em abril de 1961 (MONIZ BANDEIRA, 1998, p. 217-372).

Tal política se manteve durante o governo de seu sucessor Raúl Leoni (1964 a 1969), que, além disto, enfrentou tentativas de golpes militares e de insurreição armada pelas forças de esquerda, gerando mais desconfianças sobre o apoio cubano a estas iniciativas. Por outro lado, deve-se considerar que a política externa cubana do período, principalmente após a criação da OLAS (Organização Latino-Americana de Solidariedade) em 1966, estimulava a promoção de revoluções em diversas nações. Neste sentido, Fidel Castro, ao apoiar parte do Partido Comunista da Venezuela (PCV) e do Movimento da Esquerda Revolucionária (MIR), chegou a afirmar:

Si un gobierno da América Latina en los últimos tiempos há asesinado comunistas, ese gobierno há sido el gobierno de Venezuela, con Rómulo Betancourt primero y con Leoni después. Y no hay aqui una sola palabra de condenación al régimen que ha desatado la represión, que ha desatado la violència en Venezuela, que ha obligado a los estudiantes y los revolucionários en general a empñar las armas como único camino para la liberación de su pátria de las garras de la oligarquía y de las garras del imperialismo (citado por ROMERO, 20011, p. 167).

Apesar dos nítidos problemas e aparentes “incompatibilidades”, durante o Pacto de *Punto Fijo* (1958-1998) na Venezuela as relações entre Caracas e Havana não viveram apenas de momentos de hostilidades, demonstrando seu caráter oscilatório. Neste sentido, após 1970, tais relações oscilaram entre períodos de distanciamento e leve aproximação, não necessariamente obedecendo a “lógica” imposta pela Guerra Fria aos países aliados dos Estados Unidos. Ainda no Governo Caldera (1969-1974), houve certa aproximação, fundamentada na nova política cubana e na idéia de Pluralismo Ideológico que norteou a política externa venezuelana no período. Em seguida, nos governos de Carlos Andrés Pérez (1974-1979/1989-1993), também pertencente à AD, tal aproximação se manteve e, inclusive, o governo venezuelano reatou relações formais com Cuba e tentou revogar as sanções econômicas que vigoravam no seio da OEA.

Tal aproximação fez com que, em 1992, durante o segundo mandato de Pérez, Castro se solidarizasse com o venezuelano que havia enfrentado uma tentativa de golpe de Estado, comandada pelo tenente-coronel Hugo Chávez (ROMERO, 2011, p. 176). Na ocasião, devido à necessidade cubana de reconstruir laços político-diplomáticos, no bojo da crise do bloco soviético, o líder cubano condenou o golpe<sup>4</sup>.

Além disto, a década de 90 apresentou outro elemento de aproximação, pois ambos os países enfrentaram graves problemas econômicos. No caso venezuelano, a brusca queda nos preços do petróleo havia contribuído significativamente para desencadear o *Caracazo* (1989), além da adoção de um modelo neoliberal com profundo impacto social, que foi utilizado como efeito catalisador pelos militares insurretos para tentar um golpe em 1992. No caso cubano, a situação era ainda mais dramática, pois o fim da União Soviética e do bloco socialista retirou de Cuba seus parceiros comerciais, fez despencar vertiginosamente seu Produto Interno Bruto (PIB) e o envio de alimentos e recursos foi suspenso, fazendo com que 1992 fosse considerado “*el año más duro de la Revolución Cubana*”, conforme mencionou Fidel Castro em balanço realizado no V Congresso do Partido Comunista de Cuba<sup>5</sup> em 1997. Ironicamente, naquele momento a difícil situação econômica os aproximava, embora a Venezuela fosse um país com política econômica fortemente concatenada as diretrizes do Consenso de Washington,

<sup>4</sup> Romero cita, inclusive, um telegrama enviado por Castro que afirmava: “*Cuando conocimos el pronunciamiento militar que se está desarrollando, nos há embargado una profunda preocupación. En este momento amargo y crítico, recordamos con gratitud todo lo que has contribuído al desarrollo de las relaciones bilaterales entre nuestros países.*” (ROMERO, 2011, p. 176).

<sup>5</sup> CASTRO, Fidel. *Informe central al V Congreso del Partido Comunista de Cuba*. La Habana, 8 de Octubre de 1997. In: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1997/esp/f081097e.htm> (acessado em 11/04/2013).

implementadas por Andrés Pérez e que afetavam o equilíbrio nas contas públicas e a coesão social (GOTT, 2004, p. 79-89).

Todavia, o golpe de Estado comandado por Chávez serviu para colocá-lo em evidência no cenário político. Quando libertado em 1994, começou sua campanha a presidência da República, e em dezembro do mesmo ano fez sua primeira viagem a Cuba<sup>6</sup>. Nesse momento, Chávez não era presidente da República, portanto, não possuía poderes institucionais, porém já era percebido por Fidel Castro como um potencial aliado na América do Sul, caso vencesse as eleições de 1998. Castro lidava com uma delicada situação no cenário internacional devido à hegemonia (política, econômica e militar) de seu principal adversário. Ao invés de relaxar o bloqueio econômico após o desaparecimento da “ameaça comunista”, os norte-americanos o intensificaram através das Leis Torricelli<sup>7</sup> e Helms-Burton<sup>8</sup>, pelas quais “longe de buscar um novo relacionamento com Cuba, [...] aumentaram o antagonismo diplomático” (GOTT, 2006, p.337). Ou seja, Havana ainda deveria lutar contra o bloqueio econômico mesmo já estando esgotado o principal argumento dos Estados Unidos para mantê-lo.

Em visita a Cuba em 1994, Chávez foi recebido por Fidel Castro e tratado como chefe de Estado por Fidel, que antevia sua vitória nas eleições, e a probabilidade de formação de uma parceria diplomática e, principalmente, econômica no fornecimento de petróleo ao país, além de reafirmar a convergência ideológica.

Tais propósitos ficaram mais visíveis quando Chávez discursou na Universidade de Havana em tom crítico ao neoliberalismo, a globalização e ao fim da história, teses defendidas por vários líderes políticos liberais nas décadas de 1980 e 1990. Ao contrário destes, Chávez atribuía ao neoliberalismo a responsabilidade pela crise econômica que atingia os países periféricos e, junto com Castro, alimentava hostilidades ante os Estados Unidos e sua política externa. A partir disso, surgia uma grande sinergia entre ambos que

---

<sup>6</sup> Durante a prisão, Chávez reviu sua estratégia para chegar ao poder. Ele foi convencido a abandonar a opção pelo golpe de Estado, pois havia sido demitido do Exército. Além disso, nesse período se aproximou de vários líderes da esquerda venezuelana que mantinham relações próximas com Fidel Castro, a exemplo de Luis Miquilena, José Vicente Rangel e, principalmente, Alí Rodríguez Araque. Esses intermediaram uma aproximação entre o ex-militar e o regime cubano (JONES, 2007, p.168-184).

<sup>7</sup> Essa Lei “amplia a proibição das companhias dos Estados Unidos de realizar negócios com Cuba às suas subsidiárias no exterior, proíbe aos barcos que passam pelos portos cubanos de realizar transações comerciais nos Estados Unidos e autoriza o presidente dos Estados Unidos a aplicar sanções a governos que promovam assistência a Cuba” (AYERBE, 2004, p.95).

<sup>8</sup> “[...] autoriza cidadãos dos Estados Unidos, proprietários de bens expropriados pela Revolução Cubana, a processar empresas estrangeiras que usufruam das propriedades e permite que o governo barre a entrada ao país de empresários e executivos dessas empresas” (AYERBE, 2004, p.96).

perduraria nos treze anos em que governou a Venezuela. Desta forma, Fidel revendo sua posição anterior irá afirmar: *“Qué de extraño tiene que surjan movimientos revolucionários y movimientos patrióticos en América Latina y que surjan también entre los militares? Bueno, son los venezolanos los que han levantado esas Banderas, ellos son los que están más cerca de Bolívar y de la história de Bolívar.”* (CASTRO, 2006, p. 104).

Nesse sentido, durante o governo Chávez (1999-2012) as afinidades ideológicas foram se fortalecendo, no entanto, o aprofundamento dos laços bilaterais se fundamentou na convergência de interesses baseados no intercâmbio petróleo-serviços, possibilitando às lideranças de cada país a realização de objetivos prioritários: no caso cubano, a recuperação econômica; no caso venezuelano, o desenvolvimento de programas sociais. Desta forma, ao contrário de Betancourt, Chávez possibilitou à Cuba o acesso ao petróleo venezuelano, fornecendo-o em volume considerável, enquanto se beneficiou da atuação cubana nos projetos e programas sociais de seu governo, além do apoio cubano para reestruturação do Estado venezuelano condizente com sua perspectiva de bolivarianismo.

### **A parceria entre Chávez e Castro: a complementaridade entre Missões Sociais e Petróleo**

Quando tomou posse, em 1999, Chávez já indicava que faria mudanças na estrutura política da Venezuela, o que Villa (2000, p.135-159) chamou de ‘projeto de refundação da República’. Essas transformações provocariam impactos significativos na política externa, embora ainda não fosse possível medir com exatidão a que intensidade seriam realizadas. Havia o interesse em intensificar as relações com a América Latina, planejadas desde as administrações de Carlos Andrés Pérez (1989-1993) e Rafael Caldeira (1994-1998), porém, dificultadas pelos problemas econômicos e políticos da Venezuela na década de 1990, além do resquício daquele sentimento de superioridade – alimentada pela elite venezuelana durante os tempos da “Venezuela Saudita” – em relação aos demais países latino-americanos.

Todavia, diferente de seus antecessores, Chávez deixou nítido desde o início que a grande ruptura estava no papel ocupado pelas relações hemisféricas em sua diplomacia. Aproveitando-se de seu carisma e disposição para viagens, Chávez passou a ocupar um papel central na inserção internacional venezuelana, exercendo com intensidade uma diplomacia presidencial que viabilizou a aproximação com países controversos no cenário político internacional, cujo principal exemplo seria Cuba (VILLA, 2004, p. 99-119). A partir disso, a Revolução Cubana seria uma alternativa almejada pela Revolução Bolivariana,

embora nunca tivesse ignorado as especificidades cubanas e históricas, o que levava a impossibilidade da Venezuela repetir fielmente o exemplo da Ilha, ideia também compartilhada por Fidel.

Por isso, ao estipular quatro faixas com as quais a nova política externa atuaria, isto é, a atlântica, a amazônica, a andina e a caribenha (CERVO, 2003, p.163), Chávez reafirmava a prioridade da América Latina na diplomacia venezuelana, e considerava, no caso cubano, que poderia obter vantagens com o processo de abertura econômica que se realizava em Cuba, derivadas, em grande medida, da consciência de que possuía em abundância o produto buscado pelos cubanos no intuito de amenizar sua escassez energética: petróleo; além da evidente afinidade ideológica. Desta forma, a relação de amizade e sinergia construída na visita de dezembro de 1994 ganhou novos contornos e possibilidades com sua ascensão ao poder, adquirindo um formato de parceria intensa e convergência de interesses.

Os cubanos vinham enfrentando uma grave crise econômica que também afetava o setor energético desde o fim da União Soviética em 1991, de quem recebiam petróleo a preços subsidiados (ALMENDRA, 1998). Já a Venezuela apresentava uma situação social conturbada, com índices de pobreza extrema que atingiam cerca de 40% da população do país (GOTT, 2004, p. 221). Tal situação propiciou uma convergência de interesses e um 'intercâmbio de soluções' entre os governos. De um lado, a Venezuela propunha solucionar ou amenizar a carência energética cubana e contribuir com sua recuperação econômica e, de outro, Cuba poderia fornecer profissionais de diversas áreas, dentre os quais médicos, dentistas, enfermeiros e pedagogos, visando melhorar os indicadores sociais do país.

Desta forma, construiu-se uma aliança estratégica fundamentada numa plataforma de cooperação social, comércio e inversão econômica conjunta que, com o passar do tempo, acabou permitindo uma complementação econômica entre os dois países, como afirma Romero (2011).

Após o tenso processo constitucional que perdurou por todo ano de 1999, Chávez se ocupou daquilo que havia sido sua principal promessa de campanha na área social: o combate à pobreza e a resolução rápida de problemas. Por isso, lançou o Plano Bolívar 2000 que consistia em aproveitar a estrutura das Forças Armadas da Venezuela para realizar serviços nas áreas de saúde e infraestrutura.

O Plano Bolívar possuía três fases. A primeira enviava os militares para realizarem mutirões de consultas médicas e odontológicas. A segunda visava trabalhar, em conjunto

com as comunidades, na solução de alguns problemas práticos, tais como conserto de pontes e manutenção de estradas. A terceira os colocava para desenvolver formas sustentáveis e produtivas de subsistência em comunidades carentes.

O plano envolveu mais de 40 mil soldados e voluntários (GOTT, 2004, p. 228), número considerado insuficiente diante da magnitude da carência venezuelana naquele momento. Tratava-se, portanto, de um plano emergencial. Todavia, a continuidade no uso dos militares nesse tipo de iniciativa rapidamente se tornou inviável por duas razões: o número insuficiente de mão de obra especializada e o processo de “expurgo” realizado por Chávez nessa instituição após o golpe de Estado de 2002, que contou com apoio de parte dos militares e dos norte-americanos.

Dessa forma, o apelo à mão de obra cubana tornou-se uma das alternativas ao alcance de Chávez para combater a pobreza de forma imediata. Sabendo de tais limitações, da quantidade de petróleo existente na Venezuela e da carência energética cubana, além da afinidade entre ambos os governos que facilitava mecanismos de cooperação, Chávez assinou, em outubro de 2000, um convênio com Havana, pelo qual forneceria petróleo à Ilha a preços considerados abaixo dos níveis de mercado<sup>9</sup>. Em troca, profissionais cubanos trabalhariam na Venezuela recebendo auxílio no transporte, alimentação e moradia (MARINGONI, 2009, p.153-156). Desta forma, a cooperação cubana em diversas áreas adquiriu relevância, reafirmando a Diplomacia Social exercida pelo país. Deve-se ressaltar que, se nas primeiras décadas da Revolução Cubana tal diplomacia estava associada ao internacionalismo proletário e envolvia tanto ações civis como militares, nas duas últimas décadas esteve associada à tentativa de projeção de uma imagem positiva do país no cenário internacional e, de forma pragmática, à possibilidade de captação de recursos (FEINSELVER, 1993; KIRK e ERISMAN, 2009). Segundo o acordo bilateral, o governo Chávez enviaria a Cuba “*el suministro de crudos y derivados de petróleo, hasta por un total de cincuenta y tres mil (53.000) barriles diarios*”<sup>10</sup>.

Na época, essa iniciativa foi criticada por setores venezuelanos que não viam com simpatia a proximidade com os cubanos e tampouco o fornecimento de petróleo a preços subsidiados. Mesmo assim, a parceria continuou a ser aprofundada. Em maio de 2003,

<sup>9</sup> *Acuerdo Bilateral Cuba-Venezuela. Firmado por el Comandante en Jefe Fidel Castro y el Presidente de Venezuela Hugo Rafael Chávez Frías. Dado en Caracas, a los 30 días del mes de octubre de año 2000. Disponível em <http://www.embajadacuba.com.ve/cuba-venezuela/convenio-colaboracion/> (acesso em 15/04/2013).*

<sup>10</sup> Idem.

Chávez assinou com Cuba vários acordos de cooperação nas áreas de educação, saúde e, principalmente, mineração e petróleo. Essa parceria foi incrementada a partir de 2003, quando os preços do barril de petróleo no mercado internacional permitiram a Venezuela manter este tipo de intercâmbio com Cuba sem prejudicar suas receitas.

Nesse mesmo ano foram lançadas as Missões Sociais do governo Chávez, responsáveis por políticas voltadas a diversas áreas (saúde, educação, alimentar, etc.), tendo como resultado a eliminação do analfabetismo no país. Desta forma, o êxito das Missões foi determinante para aumentar a popularidade do presidente Chávez entre os mais pobres, viabilizar as vitórias eleitorais somadas nos treze anos de mandato e colocar a oposição na defensiva. Além disso, Chávez chegou a reconhecer em discurso que o apoio cubano nas Missões havia sido primordial em sua vitória no referendun revocatório de agosto de 2004<sup>11</sup>.

Portanto, as relações com Cuba desempenharam papel fundamental na realização das ações do chavismo e na conquista de amplo apoio dos setores populares. Isto só se tornou possível com os recursos advindos do petróleo que sofreu uma alta considerável e sucessiva nos preços no mercado internacional, permitindo aos países produtores incrementarem suas receitas (Quadro 1).

**Quadro 1 – Preços do Barril de petróleo no mercado internacional entre 2003-2013 (US\$)**

Ano	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Média
Preço	28,10	36,05	50,64	61,08	69,01	94,05	61,06	77,45	107,46	109,45	108,7	73

Fonte: Opep – Organização dos Países Exportadores de Petróleo.

Obs.: O preço do barril de petróleo no ano de 2013 baseia-se em estimativas.

Como pode ser observado, o preço do barril saltou de U\$ 28,10 em 2003 para U\$ 109,45 em 2012, incrementando, como já apontado, a receita venezuelana. Neste sentido, incidiu positivamente na relação bilateral com Cuba, pois permitiu ao governo Chávez manter o envio de petróleo em troca de ajuda profissional nas Missões Sociais, com um impacto menor no mercado interno. Além disto, os recursos oriundos do petróleo também permitiram a ampliação dos gastos públicos e o fomento de políticas públicas. Segundo Merentes (2007, p. 245), as Missões Sociais apresentavam resultados concretos porque seus objetivos foram bem definidos em torno de resolver problemas práticos em curto prazo.

<sup>11</sup> CHÁVEZ, Hugo. *Discurso del presidente de la República Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías, con motivo del triunfo del “no” en el referéndum presidencial*. Balcón del Pueblo, Palacio de Miraflores. Caracas, 16 de agosto de 2004, p.512.

Para Chávez, tais Missões foram social e politicamente exitosas, mantendo ao longo de sua gestão e alcançando a significativa marca de 15 missões ao longo do período analisado. Dessas, três delas se destacam pela colaboração cubana ter sido estratégica e fundamental para sua eficácia. A primeira foi a Missão *Barrio Adentro*, instituída em 2003, que objetivava garantir acesso universal e gratuito aos serviços de saúde, como consultas médicas, exames, cirurgias e medicina preventiva, bem como “fixar, em cada região popular da capital e do interior, um médico e um ambulatório de primeiros socorros” (MARINGONI, 2009, p.153). Até 2009 o governo venezuelano já havia investido mais de US\$ 5 bilhões na *Barrio Adentro*. A segunda, a Missão *Milagro*, lançada em 2005, tinha como propósito realizar consultas oftalmológicas, cirurgias de catarata e distribuição de óculos, sendo que até 2009 já haviam sido investidos mais de US\$ 150 milhões e realizadas milhares de cirurgias e intervenções. A terceira, a *Missão Robinson* visava alfabetizar jovens e adultos para, em prazo recorde, erradicar o analfabetismo na Venezuela. Essa Missão também foi iniciada em 2003 e dois anos mais tarde já haviam sido investidos mais US\$ 70 milhões e ensinadas mais de 400 mil pessoas a ler e escrever<sup>12</sup> (MARINGONI, 2009, p.155). A participação cubana foi aí também primordial através do uso de profissionais, de material como cartilhas, apostilas e livros e, principalmente, no uso de métodos pedagógicos desenvolvidos em Cuba na alfabetização de jovens, adultos e idosos residentes nas periferias das cidades venezuelanas e nas regiões distantes dos grandes centros urbanos<sup>13</sup>.

Vale ressaltar que, além da atuação na própria Venezuela, a cooperação com Cuba permitiu o envio de profissionais a outros países, principalmente nos marcos da ALBA (KIRK e ERISMAN, 2009).

Além disso, nos últimos anos muitos profissionais cubanos vinham sendo substituídos por venezuelanos que tinham ido estudar em Cuba e depois retornavam para ajudar nas Missões. Porém, a parceria com Cuba não se restringe ao campo médico. Também no esporte, como apontam Huish e Darnell (2011), tal parceria tem permitido o envio de profissionais cubanos para atuarem em áreas esportivas em que a ilha caribenha se destaca e contribui para a criação da Escola Internacional de Educação Física e Esportes (EIEFD), que recebeu até o momento cerca de 1.400 estudantes de 76 países, além da organização de eventos.

<sup>12</sup> VENEZUELA. *Sítio Oficial de las Misiones Sociales*. In: <[http://www.pdvsa.com/index.php?tpl=interface.sp/design/readmenu.tpl.html&newsid\\_obj\\_id=1501&newsid\\_temas=40](http://www.pdvsa.com/index.php?tpl=interface.sp/design/readmenu.tpl.html&newsid_obj_id=1501&newsid_temas=40)> (acessado em 19/04/2013).

<sup>13</sup> Os resultados numéricos estão em: TORRES & CRUZ, 2011, p. 387.

Tal a parceria que logrou à Venezuela os recursos humanos necessários a implementação das políticas sociais desenvolvidas pelo governo, só foram possíveis, como já mencionamos, devido ao intercâmbio destes serviços por petróleo, principalmente, embora outras formas de financiamento certamente foram utilizadas. Neste sentido, o quadro a seguir nos ajudar a compreender a importância e o incremento do envio de petróleo para o desenvolvimento das Missões:

**Quadro 2** – Quantidade de petróleo cru e refinado enviado pela Venezuela a Cuba entre 1999-2008 (em milhões de Barris)

1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Média
19,4	7,7	18,8	11,7	21,4	23,4	30,4	28,1	31,7	42,2	21,54

Fonte: PODE – Petróleo y otros Datos Estadísticos, 2009, p.88.

Como se pode observar, o envio de petróleo venezuelano a Cuba saltou de 7,7 milhões de barris em 2000, embora seja um ano atípico, para cerca de 42,2 milhões de barris em 2008. Neste sentido, pode-se inferir que isto se deve tanto ao aprofundamento das Missões Sociais e outras políticas públicas que utilizavam os recursos humanos cubanos, bem como a colaboração em outras áreas ou ações nos marcos da ALBA. De qualquer forma, tanto Cuba como Venezuela, embora por razões diferentes, parecem ter se beneficiado de tal relação, o que demonstra também que a explicação baseada na afinidade ideológica pareça ser limitada para sua compreensão.

Além do petróleo, a relação cubano-venezuelana permitiu o incremento do intercâmbio comercial, como podemos observar no Quadro 3.

**Quadro 3** – Comércio Exterior Venezuela-Cuba entre 2002 e 2012 (em milhões de US\$)

Ano	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Média
Exportação	11,9	10,8	89,1	95,4	165,2	57,6	92,5	24,1	36,7	47,8	24,9	59,65
Importação	4,6	96,2	105,2	52,9	30,4	31,8	35,7	258,4	209,6	394,9	499,6	156,3

Fonte: INE – Instituto Nacional de Estadística. República Bolivariana de Venezuela.

Apesar da necessidade de detalhamento destes valores, pode-se destacar que, no que se refere às exportações houve um aumento significativo entre 2002 e 2012, e que os dados de 2006, por estarem fora da média do período, relacionam-se a causas específicas. Além disto, é possível perceber que a crise econômica mundial desencadeada em 2008 impactou as exportações da Venezuela e contribuiu para diminuir o volume exportado entre 2008 e 2012.

No que se refere às importações, percebe-se também um aumento extraordinário, quando se considera que saltaram de U\$ 4,6 milhões em 2002 para U\$ 499,6 milhões em

2012, o que confirma o incremento das relações. No entanto, deve-se destacar que tal aumento, principalmente a partir de 2009, deve-se a inclusão dos valores associados aos serviços nos dados de importação, o que insuflou os números. Além disto, deve-se incluir o fornecimento de gêneros agrícolas e pescado, principais produtos na pauta de exportação cubana.

Além disto, deve-se destacar que com a formação da ALBA (Aliança Bolivariana aos Povos de Nossa América)<sup>14</sup> em 2004, o que até então era realizado no eixo bilateral, transforma-se em uma proposta de integração regional, constituindo-se como uma forma de rechaço a proposta da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA) e contendo em seus textos um perfil anticapitalista e contra-hegemônico<sup>15</sup>, preceitos que já vinham sendo defendidos pelos governos de Cuba e Venezuela. Segundo o governo venezuelano, a ALBA fundamentava uma proposta de integração regional e o aprofundamento dos laços com a região, além de outros elementos contidos na política externa do governo Chávez; para Cuba, tal aliança consolidava a estratégia de reinserção regional de forma ativa e ativa (CAMPOS, 2011; CORONADO e GONZÁLEZ, 2011) e propiciava a possibilidade de inserção crítica no mundo globalizado. Além disto, tal proposta marcou a passagem da experiência venezuelana de uma revolução nacionalista para uma revolução socialista, reforçando os laços entre os países, segundo Romero (2011, p. 185). Vale, finalmente, destacar que a ALBA permitiu ao governo cubano tanto uma intensificação dos laços com a Venezuela como o aprofundamento da reinserção cubana no Caribe, através do reforço de laços com os países do CARICOM (SERBIN, 2011).

Os acordos assinados no âmbito da ALBA reforçaram a parceria entre Venezuela e Cuba no intercâmbio de petróleo por profissionais. Além disso, tratava sobre cooperação energética envolvendo a proposta da Petrocaribe e da Construtora ALBA, PDVSA-Cuba S.A; discutia questões de segurança propondo o treinamento conjunto de Forças Armadas e a formação de uma Escola Militar para o bloco; a formação do Banco da ALBA que em 2008 foi implantado com capital inicial de US\$ 2 bilhões; o rechaço à ALCA e o reforço de seu perfil anticapitalista e contra-hegemônico, dentre outras propostas<sup>16</sup>. Entre

---

<sup>14</sup> Quando foi instituída em dezembro de 2004, a ALBA tinha o nome de Alternativa Bolivariana aos povos de nossa América. Mas, desde 2009 seu nome foi alterado para Aliança Bolivariana aos povos de nossa América/Tratado de Comércio dos Povos (ALBA/TPC). Ao longo do texto fazemos referência apenas como ALBA.

<sup>15</sup> ALBA-TCP – *Building an Inter-polar World*. 2004-2010 Summits. Caracas: Executive Secretariat of ALBA-TCP.

<sup>16</sup> Idem.

2004 e 2010 mais de dez acordos foram assinados no âmbito da ALBA, a maioria deles envolvendo os governos de Venezuela e Cuba. Apesar disso, tratava-se de um bloco com perfil multilateral, por isso estava aberto ao ingresso de outros países<sup>17</sup>. A partir de 2006, incorporou novos parceiros, a exemplo de Bolívia (2006), Nicarágua (2007), Equador (2008), dentre outros<sup>18</sup>.

Segundo Romero (2011), a ajuda acumulada entre 1999 e 2008 do governo bolivariano à Cuba aproximava-se, considerando todos os setores, a U\$ 9, 4 bilhões, sendo o petróleo diretamente responsável por 40% deste valor.

No campo diplomático, a atuação da ALBA contribuiu para que, em dezembro de 2008, Cuba fosse reintegrada ao Grupo do Rio. Na Reunião de Cúpula Hemisférica de Trinidad e Tobago, de abril de 2009, os países pertencentes à ALBA assinaram mais um documento se posicionando contra o bloqueio a Cuba e ao crescente processo de isolamento da Ilha comandado pelos Estados Unidos. Em junho do mesmo ano, os países membros da Organização dos Estados Americanos (OEA) revogaram a decisão que havia expulsado Cuba dessa instituição em 1962. Em 2010, o presidente Raul Castro esteve na Venezuela e novamente salientou a importância venezuelana no intuito de se contrapor ao isolamento norte-americano (ROMERO, 2011, p.182-183; CAMPOS, 2011; CORONADO e GONZÁLEZ, 2011).

Dessa forma, durante treze anos da administração Chávez as relações com Cuba, embora fundamentadas na afinidade ideológica, foram também desenvolvidas pela convergência de interesses e por certo pragmatismo. Desta forma, para a Venezuela, tal relação propiciou os recursos humanos e os referenciais ideológicos para o desenvolvimento dos programas sociais, fundamentais para a consolidação do chavismo e sua atuação externa. Para Cuba, tal relação foi fundamental para a recuperação econômica, principalmente devido ao fornecimento de petróleo e a reinserção internacional do país, destacadamente no âmbito regional, contribuindo para a manutenção da política revolucionária e o desenvolvimento de uma transição específica a partir da atualização do modelo pela sua liderança; em suma, o suporte venezuelano tem

---

<sup>17</sup> Dentre os principais instrumentos e mecanismos que a ALBA desenvolve, pode-se citar: TELESUR, Foro Parlamentário, PETROALBA, EMPRESA GRAN NACIONAL DE ENERGIA, ALBA CULTURAL y BANCO DE LA ALBA (ROMERO, 2011).

<sup>18</sup> Atualmente, fazem parte da ALBA oito países: Venezuela; Cuba; Bolívia; Nicarágua; Dominica; Equador; São Vicente e as Granadinas; Antiga e Barbuda. Somando todos eles, há mais de 75 milhões de habitantes e uma fatia expressiva das reservas de petróleo do mundo.

sido fundamental para o desenvolvimento de reformas no país, principalmente após a ascensão de Raúl Castro.

Ainda, pode-se destacar que, embora fundamental, tal relação não adquiriu a condição de exclusividade, como na bipolarização entre EUA e URSS durante a Guerra Fria, o que permitiu ao governo cubano também incrementar os laços com outros parceiros (China, Rússia, Canadá, Brasil) e diminuir sua vulnerabilidade externa (SERBIN, 2011).

Neste sentido, vale destacar que outros parceiros regionais também começam a se destacar para a ilha caribenha, como México e Brasil. Neste caso, podem-se destacar dois elementos que ampliam o escopo de atuação da política externa cubana. Em primeiro lugar, tal relação apresenta uma dimensão comercial, o Brasil tem-se constituído nos últimos anos num importante parceiro para o desenvolvimento de obras de infraestrutura e financiamento em áreas que os venezuelanos parecem não conseguir realizar, e por sua amplitude simbólica, dado o papel de liderança regional almejado pela diplomacia brasileira nos últimos anos. Em segundo lugar, como consequência, a relação com o Brasil pode propiciar instrumentos para a diplomacia cubana ao promover mais ativamente a integração regional e com um perfil mais cooperativo do que a Venezuela, podendo, eventualmente, dar uma maior contribuição para o estabelecimento de um diálogo com os EUA, um dos principais desafios da diplomacia cubana neste século (SERBIN, 2011, p. 239-244).

### **Considerações Finais**

Como procuramos demonstrar ao longo deste trabalho, a primeira década do século XXI propiciou o fortalecimento dos laços bilaterais entre Cuba e Venezuela e o desenvolvimento de uma parceria que, além da afinidade ideológica, esteve sustentada no binômio petróleo-serviços, retratando uma convergência de interesses. No caso venezuelano, além de inspirar a Revolução Bolivariana e a tentativa de construção do Socialismo do Século XXI, a parceria com Cuba mostrou-se essencial para o desenvolvimento e a consolidação do chavismo entre os setores mais pobres da sociedade venezuelana.

Neste sentido, tal parceria permitiu o desenvolvimento de programas sociais e políticas públicas fundamentadas no trabalho de profissionais cubanos em diversas áreas (saúde, educação, esporte, cultura, entre outras). Além de atuar internamente, tal parceria contribuiu para a inserção venezuelana em âmbito regional, alicerçada na ALBA.

Para os cubanos, a parceria com a Venezuela contribuiu significativamente para sua recuperação econômica e a reinserção na comunidade latino-americana. Além disso, permitiu um novo alento na conflituosa relação com os EUA, contribuindo para a superação do isolamento cubano. O fundamental é que o petróleo venezuelano permitiu a retomada estável do processo de recuperação da economia cubana (embora persistam problemas) e impulsionou o exercício da diplomacia social da Ilha, contribuindo para sua reinserção regional e internacional.

Nesse sentido, o apoio do governo Chávez foi fundamental à Cuba, bem como o suporte cubano contribuiu para o desenvolvimento de reformas estruturais e de programas de forte apelo popular, permitindo aquele vencer praticamente todas as consultas populares, a exceção do plebiscito de dezembro de 2007.

Embora tal parceria pareça consolidada, além das incertezas em relação ao futuro do chavismo, outros elementos, de parte a parte, devem ser considerados para sua continuidade e aprofundamento. No caso cubano, é fundamental a diversificação de parceiros comerciais e a consolidação de parcerias com outras potências regionais (Brasil, México, China, Rússia, dentre outras). Para a Venezuela, é importante a superação da dependência petrolífera e a diversificação de sua economia rentista, o que implica buscar novos aliados, além da superação da polarização interna. Desta forma, a parceria Venezuela-Cuba dependerá, em grande medida, dos desdobramentos da política interna e das prioridades e ações internacionais desenvolvidas pelos governos liderados por Nicolás Maduro e Raúl Castro.

## Referências

ALBA-TCP. *Building an Inter-polar World (2004-2010)*. Caracas: Executive Secretariat of ALBA-TCP, 2010.

ALMENDRA, C. C. A situação econômica cubana diante da queda do Leste Europeu. In: COGGIOLA, O. *Revolução Cubana: história e problemas atuais*. São Paulo: Ed. Xamã, 1998.

AYERBE, Luis Fernando. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CAMPOS, CARLOS OLIVA. *Las Relaciones de Cuba con América Latina y El Caribe: Imperativos para Consolidar la Reinserción Regional*. In: AYERBE, L. F. (Org.). **Cuba, Estados Unidos y América Latina frente a los desafíos hemisféricos**. Barcelona/Buenos Aires: Icaria/CRIES, 2011.

CASTRO, Fidel. *Informe central al V Congreso del Partido Comunista de Cuba*. La Habana, 8 de Octubre de 1997. In: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1997/esp/f081097e.htm>> (acessado em 11/04/2013).

\_\_\_\_\_. "Discurso en el Aula Magna de la Universidad de la Habana con motivo de la visita del teniente coronel Hugo Chávez (14/12/1994)". In: **Venezuela y Chávez**. Santafé de Bogotá: Ocean Sur, 2006.

CERVO, Amado Luiz. *A Venezuela e seus vizinhos*. In: CARDIM, Carlos Henrique; GUIMARÃES, Samuel Pinheiro (Orgs). **Venezuela: visões brasileiras**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, pp. 157-180, 2003.

\_\_\_\_\_. *Relações Internacionais da América Latina: velhos e novos paradigmas*. 2ª Edição. São Paulo: Saravia, 2007.

**CHÁVEZ, Hugo**. *Discurso del presidente de la República Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías, con motivo del triunfo del "no" en el referéndum presidencial. Balcón del Pueblo, Palacio de Miraflores*. Caracas, 16 de agosto de 2004.

CORONADO, Jaime P.; GONZÁLEZ, Pablo Uc. *Cuba en el Nuevo Sistema Interamericano del Siglo XXI*. In: AYERBE, L. F. (Org.). **Cuba, Estados Unidos y América Latina frente a los desafíos hemisféricos**. Barcelona/Buenos Aires: Icaria/CRIES, 2011.

DONGHI, Tulio Halperin. **História da América Latina**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2011.

FEINSILVER, Julie M. **Healing the masses: cuban health politics at home and abroad**. Bekerley: University of California Press, 1993.

GOTT, Richard. **À sombra do libertador: Hugo Chávez e a transformação da Venezuela**. Tradução: Ana Corbisier. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

\_\_\_\_\_. **Cuba: uma nova história**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2006.

JONES, Bart. **Hugo Chávez: da origem simples ao ideário da revolução permanente**. São Paulo: Editora Novo Conceito, 2007.

KIRK, J.; ERISMAN, M. H. **Cuban Medical Internacionalism: origins, evolution and goals**. New York: Palgrave MacMillan, 2009.

MARINGONI, Gilberto. **A revolução venezuelana**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

MERENTES, Nelson. *La actual fase de crecimiento de la economía venezolana*. In: **Revista Diplomacia, Estrategia y Política**, Jul./Sep. 2007, pp. 231-249.

MESA-LAGO, C. *Hacia una evaluación de la actuación económica y social en la transición cubana de los años noventa*. In: **América Latina Hoy**, Salamanca, n. 18, pp. 19-39, marzo, 1998.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

ROMERO, Carlos. *Cuba y Venezuela: La génesis y el desarrollo de una utopía bilateral*. In: AYERBE, Luis Fernando (Org). **Cuba, Estado Unidos y América Latina frente a los desafíos hemisféricos**. Buenos Aires: Ediciones CRIES (Coordinadora Regional de Investigaciones), 2011, pp.159-202.

SEGRERA, F. L. **Cuba cairá?**. Petrópolis: Vozes, 1994.

SERBIN, A. *Círculos concéntricos: la política exterior de Cuba en un mundo multipolar y el proceso de 'actualización'*. In: AYERBE, L. F. (Org.). **Cuba, Estados Unidos y América Latina frente a los desafíos hemisféricos**. Barcelona/Buenos Aires: Icaria/CRIES, 2011.

TORRES, Nestor M.; CRUZ, Evelyn M. *Experiência cubana em cooperação Sur-Sur*. In: **Revista Cubana de Salud Pública**, 2011; vol. 37, n. 4, pp. 380-393.

VALENTE, Leonardo. A política externa venezuelana no século XXI – novos olhares, antigas amarras e a integração sul-americana como a principal saída para o desenvolvimento. In: CARMO, Corival Alves (Org). **Prêmio América do Sul 2007: Venezuela; mudanças & perspectivas**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2007, pp.119-161.

**VENEZUELA**. *Acuerdo Bilateral Cuba-Venezuela. Firmado por el Comandante en Jefe Fidel Castro y el Presidente de Venezuela Hugo Rafael Chávez Frías*. Dado en Caracas, a los 30 días del mes de octubre de año 2000. In: <http://www.embajadacuba.com.ve/cuba-venezuela/convenio-colaboracion/> (acesso em 15/04/2013).

\_\_\_\_\_. *Sítio Oficial das Missões Sociais*. In:<[http://www.pdvsa.com/index.php?tpl=interface.sp/design/readmenu.tpl.html&newsid\\_obj\\_id=1501&newsid\\_temas=40](http://www.pdvsa.com/index.php?tpl=interface.sp/design/readmenu.tpl.html&newsid_obj_id=1501&newsid_temas=40)> (acessado em 19 de abril de 2013).

VILLA, Rafael Duarte. *Venezuela: mudanças políticas na era Chávez*. In: **Revista de Estudos Avançados, Instituto de Estudos Avançados (IEA/USP)**, vol.19, n. 55, 2005, pp. 153-172.

\_\_\_\_\_. *Política externa na administração Hugo Chávez*. In: **Revista Política Externa**, vol. 13, n. 1, junho-agosto, 2004.

\_\_\_\_\_. *Venezuela: o projeto de refundação da República*. In: **Revista Lua Nova**, n. 49, 2000, pp.135-159.

**Recebido em junho de 2014.**

**Publicado em agosto de 2014.**